

AMÉRICA LATINA: CRISE DE VALORES — UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Constança Marcondes Cesar

Homenagem a Fritz — Joachin von Rintelen, a coletânea de estudos* sobre problemas axiológicos teve como ponto de partida a filosofia dos valores do pensador alemão e, especialmente, o opúsculo intitulado “Filosofia do Espírito Vivo na Crise de nosso Tempo”.

Sob a coordenação de Jesus González López, doutor por Louvain, ex-vice-reitor da Universidade do Norte, no Chile, e professor-pesquisador da Pontifícia Universidade Católica do Equador, oito professores: Lorenzo Penã Gonzalo (doutor em Filosofia por Liège); Ruben Jesus Díaz Peralta (bacharel em Teologia); Federico Gonzalo Yopez Arboleda (licenciado em Filosofia); José Antonio Sojo Galiotti (licenciado em Filosofia e Teologia); Maria Eugenia Moscoso Serrano (doutora em Psicologia pela PUC do Equador); Heinrich Beck (doutor em Filosofia e professor-visitante da PUC do Equador); Julio Terán Dutari (doutor em Filosofia pela PUC do Equador e pela Universidade do Estado da Baviera, vice-reitor da PUC do Equador — elaboraram uma investigação interdisciplinar, enfocando o tema em sua configuração latino-americana.

Os estudos estão divididos em duas partes: na primeira, González López apresenta as teses centrais da filosofia de von Rintelen, bem como a tradução, levada a efeito por Federico Yépez, do texto do filósofo alemão: **Filosofia do Espírito Vivo na Crise de Nosso Tempo**.

González López principia seu estudo sobre o autor em pauta, situando-o como um filósofo dos valores, um pensador de renome, conferencista em inúmeros países, defensor da objetividade dos valores e da busca do sentido da vida, de um humanismo total, que encare o homem como espírito vivo, pessoa.

A filosofia do espírito de von Rintelen está orientada em direção a uma teoria dos valores, que busca os valores espirituais e supratemporais, como o objetivo da vida humana, que cabe à filosofia explicitar.

O texto do pensador alemão, também publicado no mesmo livro, conforme já assinalamos, mostra, de modo aprofundado, as linhas esboçadas por González López. Trata-se de compreender a crise espiritual de nosso tempo, a fim de ser possível apresentar à juventude uma tábua de valores, que torne os homens de nossa época mais criativos, mais capazes de realização pessoal. Na sociedade tecnológica de hoje, cresce o mal e

(*) González López, Jesus (ed.). **Crisis de Valores: Reflexion Interdisciplinar desde América Latina**. Quito, Ediciones de la Universidad Católica. 1982.

diminui o respeito à vida. A tarefa da filosofia é: **oferecer** uma imagem do mundo na qual valores positivos possam vir à luz; e **dar respostas** à “existência sem esperança” e desumanizada.

O homem está sem pátria: perdeu seu centro espiritual e a angústia dessa perda o faz fugir para o consumismo, a adesão ao material, o pansexualismo e a agressão. A vida tornou-se absurda e “falta o impulso para superação do absurdo por meio de atos positivamente criadores” (p. 73). A perda do sentido espiritual conduz o homem contemporâneo ao niilismo, ao caos, à destruição da comunidade; a recuperação dos valores serve a “objetivos positivos” (p. 75). A pedagogia, a antropologia e a sociologia convergem em afirmar que a realidade humana é “determinada por valores” (p. 76) e von Rintelen aponta, neles, a permanência, recorrência, de um núcleo constante, apesar das mudanças do homem, no tempo. Embora questionados, alguns valores mantêm-se intactos e isso torna possível vivermos a partir deles. Os valores se apresentam, pois, como decisivos para a nossa realização e daí o autor assinalar que a sua busca se justifica pelo acréscimo de ser, pela alegria espiritual que produzem (p. 79). Há uma hierarquia de valores, onde os religiosos e éticos ocupam o ápice, sucedidos pelos estéticos, vitais e úteis. Pois a realidade comporta um sentido factual, mas também um sentido ontológico. Reverência perante o mistério do ser, há um fundo comum que torna, do Oriente ao Ocidente, a verdade, a compaixão, a generosidade, a honra ao superior, a ausência de ódio, o serviço e o amor, valores supratemporais (como o são para Clemente de Alexandria, Santo Tomás, Lao-Tsé, Maomé, Suzuki, entre outros).

A negação do espiritual, no mundo contemporâneo, apresenta 4 aspectos: a **filosofia do dinamismo puro**, caracterizada pelo afã de poder; o **vitalismo**, que enfoca o ritmo vital como valor supremo; a **inteligência técnica**, que concebe o homem numa perspectiva puramente matemático-física e conduz à tecnocracia; o **irracionalismo**, que aponta a angústia como a qualidade fundamental da vida (ora, para von Rintelen, “igualmente fundamental [é] a alegria (...)” (p. 99.)

A filosofia do espírito vivo procura superar o vitalismo e o irracionalismo e encara a busca do sentido da realidade como sua tarefa essencial.

Na segunda parte da coletânea de ensaios, González López, Peña Gonzalo, Díaz Peralta, Arboleda, Sojo, Moscoso de Delgado, Beck e Terán Dutari apresentam suas reflexões, a partir da meditação de von Rintelen.

Para González López o que importa é compreender a “Missão dos Valores numa Cultura Tecnificada”.

Vendo a ciência como saber rigoroso e expressão de uma forma de racionalidade; mostrando a técnica como sinônimo de **ação eficiente**

te, o autor põe em relevo o fato de que estas formas de saber e agir, hoje, expressam o **anti-humano**. Caracterizam-se por uma **neutralidade negativa** e falsa, que recusa a meditação a propósito das dimensões axiológica e ética, em nome da "objetividade". Do cientismo e tecnocracia vigentes defluiu a ruptura com os valores culturais. Estes, dizem respeito ao sentido da história e da realidade e à questão da liberdade.

Faz-se necessário, no entender do pensador, uma fundamentação metafísica da técnica e da ciência. Mas o que se dá, na verdade, é a **alienação** entre o homem e a natureza, o homem e a comunidade, o homem e a religião. Reduz-se o qualitativo ao quantitativo, manipula-se ideologicamente as massas.

Como remédio a essa situação, o filósofo propõe a reconquista dos valores éticos e a reorientação da ciência e da técnica, para que estejam a serviço do homem.

Peña Gonzalo aborda "O Conflito de Valores" numa "perspectiva lógico-filosófica". Afirma que tal conflito envolve a questão da escolha entre verdadeiros e falsos valores e **põe em jogo** o problema da verdade. É **superável**, do ponto de vista de uma lógica paraconsistente, embora não o seja, do ponto de vista da lógica aristotélica. Esta, bivalente, separa radicalmente **verdade** e **falsidade**. As lógicas paraconsistentes mostram que a verdade comporta graus e matizes e que a contradição manifesta esse fato (p. 141). O conflito não consiste na mera oposição de valores de igual peso, mas tão-somente expõe o caráter não absoluto quer do valor, quer do antivalor. O confronto valor-antivalor pode ser ultrapassado, na medida em que se estabelece uma hierarquia entre os valores.

A crise, na sociedade latino-americana, mostra-se como perda da tradição axiológica cristã, em favor de uma axiologia da sociedade de consumo. A superação desta oposição "não pode consistir num retorno ao código de antanho" (p. 158); exige, porém, a "regeneração valorativa, um aprofundamento, um reenraizamento da concepção axiológica coletiva, e um esforço em favor da instauração de uma sociedade autenticamente cristã" (p. 159).

Os valores são objetivos. Mas sua abordagem comporta diferentes perspectivas, conflitos, hierarquização. Na América Latina, essa reorientação tem como ponto de partida, segundo Peña Gonzalo, o ultrapassamento dos "comportamentos agressivos que impedem a mais plena realização humana de dezenas de milhões de homens e mulheres de nosso Continente" (p. 159).

Díaz Peralta trata da "Latinoamérica: uma Cultura Jovem em Crise de Identidade", num "enfoque sócio-cultural". Por **crise**, o autor entende não apenas o sentido pejorativo do termo, sinônimo de **catástrofe**, mas também o seu sentido positivo, de **mutação**, **transformação**.

Assinala que os valores de nossa cultura não se encontram, ainda, inteiramente clarificados. Mas afirma que a nota dominante da América Latina é ser uma "cultura aberta ao humano" (p. 169), ao religioso, ao festivo, ao estético, à solidariedade, ao temor da morte e do além.

A América "múltipla", na qual se fundiram culturas diversas, aparece como o resultado de um sincretismo, faz-nos viver paradoxos. Nossa circunstância é constituída por "experiências existenciais variadíssimas e distintas" (p. 176), e nela se opõem a América urbana e a rural; a América voltada para si mesma e a dependente e periférica, marginalizada em face do sistema mundial; a cultura mágico-mítica e a semi-científica, técnica e pragmática.

Esses paradoxos e essa complexidade desencadeiam a angústia perante a ruptura dos valores, a ameaça ao humano que se expressa pela ascensão do individualismo e da ideologia consumista.

Para alcançar sua própria identidade, o homem latino-americano terá que ser "reconhecido como tal em seus deveres e direitos [ser] dono de seu destino (...) sujeito ativo de sua HISTÓRIA" (p. 194). Pois, na opinião do autor, a "identificação da América Latina consigo mesma só virá como fruto de uma luta progressiva pela sua LIBERTAÇÃO" (p. 194).

Os latino-americanos afirmam os valores de abertura ao humano, lutando pela obtenção de uma vida digna. Esta é a tarefa da América: a afirmação da solidariedade e da festa, a procura de uma civilização voltada para o bem comum.

Arboleda trata da relação entre "Os Meios de Comunicação e os Valores", do ponto de vista ético. O filósofo, com Francisco Gutiérrez, aponta o excesso de informação vigente, como razão da inconsciência e a-historicidade do homem atual. A "estupidez satelitizada" (p. 205) conduziu ao abandono dos valores nacionais e à exagerada admiração pelo estrangeiro (p. 209). "A exploração das paixões, dos sentimentos, violência e sexo, com fins consumistas" (p. 213) marca a atuação dos meios de comunicação entre nós. Em nossa época, em nosso mundo, violam a privacidade, "criando falsos valores"; funcionam como "o ópio da juventude" (p. 214), difundindo uma ideologia individualista, materialista e arreligiosa (p. 215).

Torna-se necessário, na América Latina retornar a um autêntico humanismo, à promoção de valores éticos, à redescoberta do sentido da vida.

Sojo, sob o título "Família, Matrimônio e Valores", aborda as contradições de nossa época, suas mudanças rápidas e a emergência da questão moral em primeiro plano, em virtude da necessidade de uma reor-

denação da sociedade e da recuperação de valores. A exigência de uma liberdade responsável e de uma família que promova a pessoa, se faz sentir. Na América Latina, a família expressa solidariedade, amor, presença humana, embora essas qualidades se apresentem ameaçadas, pelo subdesenvolvimento, ignorância e miséria. A tomada de consciência da precariedade da sua situação pode conduzir o homem latino-americano a um despertar para os valores da **justiça**, e da **sacralidade da vida**.

Moscoso de Delgado trata da "Importância dos Valores para a Descoberta da Própria Identidade entre os Adolescentes". A autora começa por caracterizar a adolescência como uma situação de crise e angústia, acentuada pela desumanização de nossa época. A crise é superada na medida em que o homem se orienta para o futuro, em função de valores.

A tarefa dos filósofos e humanistas é a de recuperar valores, bem como a de assinalar sua hierarquia e conduzir os jovens a uma atitude crítica e refletida.

Beck, no ensaio "Teses Fundamentais sobre a Filosofia da Cultura na Época da Técnica", mostra a importância da técnica em nosso tempo e seus aspectos positivos e negativos: a possibilidade, que acarreta, de ampliar a liberdade ou a de afirmar a tecnocracia desumanizante.

Um dos estudos mais interessantes deve-se a Terán Dutari, que se atém ao exame de "A Atual Crise de Valores à Luz do Documento de Puebla". O documento aponta a angústia da vida na América Latina e a educação como meio privilegiado para solucionar a crise. O autor assinala as **causas superficiais** da problemática de valores entre nós: os fatores econômicos, sociais e políticos, traduzidos em subdesenvolvimento e dependência, exemplificados pelos sistemas injustos, a desintegração política, a corrida armamentista etc. E as **causas profundas**: no plano moral, a perda dos valores morais, exposta na corrupção, venalidade, não-fraternidade; no plano espiritual, o mistério do pecado.

A família é o lugar onde essa crise se mostra de modo exponencial, em virtude da situação de miséria vigente. A inautenticidade dos adultos produz jovens sem rumo, que se empenham em ideologias radicais ou se tornam apáticos, acomodados e indiferentes perante injustiças.

Nossa cultura, isto é, o conjunto de nossos valores, instituições, o nosso modo de nos relacionarmos com Deus e com os outros homens — está em crise, perdeu o seu sentido profundo, seu sentido religioso. Para compreendermos esse abalo radical, é preciso apreendermos as quatro características marcantes da América Latina. A **primeira**, revela-se na mestiçagem cultural. A **segunda**, no fato de que a cultura latino-americana confronta-se com a cultura universal, planetária e anônima de nosso tempo, e esbarra, por isso, em dois problemas: o da integração das minorias étnicas que aqui vivem; o da preservação da pluralidade cultural, contra a

uniformização da vida. Nossa América vê-se diante de duas exigências contraditórias: a de valorizar a sua cultura e a de integrá-la na cultura universal emergente. A **terceira característica** é o processo de ruptura entre a cultura arcaica e agrária e a rápida urbanização. A **quarta** consiste na laicização crescente.

Tudo isso evidencia o esvaziamento dos valores na América. Para recuperá-los é preciso, diz o autor, uma **educação libertadora**, que promova a conversão do homem à comunhão com os outros e com Deus.

*

Os denominadores comuns às abordagens dos pensadores da Universidade Católica do Equador são:

a) de uma lado, a crítica ao nosso mundo, à sociedade tecnocrática, consumista e anti-humanista em que vivemos, cujos valores, diante de uma **filosofia do espírito**, mostram-se como antivalores negação do humano e suas qualidades essenciais;

b) de outro, a afirmação do sagrado, da solidariedade, da pessoa, como eixos axiológicos objetivos, que é necessário preservar e repropor.

Como os valores a que se refere, sua crise é bipolar: implica morte e ressurreição, negatividade e positividade, desumanização e superação.

Em vista disso, perante a morte de um mundo, cabe à filosofia manter aberta a possibilidade de transcendência, criar valores.

Para os humanistas de Quito, o valor primeiro é a esperança.